

ARTIGOS

REFLEXÕES EPISTEMOLÓGICAS: UM PANORAMA METODOLÓGICO DA FILOSOFIA DA LINGUAGEM E ANÁLISE DO DISCURSO*

MESSIAS FRANCISCO SILVA**, NILSA BRITO RIBEIRO***

Resumo: o presente artigo busca fazer uma reflexão epistemológica da Filosofia da Linguagem, a partir de sua estrutura lógica, a Análise do Discurso, por meio da sua compreensão dos sentidos e formação ideológica presente em um discurso. O objetivo é mostrar uma abordagem metodológica que seja capaz de compreender a linguagem em seu uso prático.

Palavras-chave: Filosofia da Linguagem. Análise do discurso. Ideologia.

A reflexão aqui apresentada tem a finalidade de fazer um rápido panorama sobre os fundamentos epistemológicos dos estudos da linguagem. O primeiro ponto a ser analisado é a filosofia antiga a partir das preocupações sobre a linguagem em Platão e Aristóteles, o segundo é compreender os jogos de linguagem por meio da teoria de Wittgenstein, o terceiro é ver o corte epistemológico proposto por Saussure na virada linguística, o quarto é perceber como a Análise do Discurso (AD) busca entender a construção social e ideológica na produção discursiva e por fim apresentar como o pensador russo Mikhail Bakhtin constitui a sua opção epistemológica.

Na linguagem há um embate pelas significações, onde as palavras devem tornar-se significativas levando a ter uma comunicação. O estudo da linguagem permitirá reconhecer a relação entre pensamento e o mundo. A AD apropria-se do discurso, procurando compreender o efeito dos sentidos, fazendo uma mediação entre o homem e sua realidade social concreta, como afirma Orlandi (2001, p. 15):

* Recebido em: 14.12.2015. Aprovado em: 13.09.2016.

** Mestre em Dinâmicas Territoriais e Sociedade na Amazônia pelo Programa de Pós-graduação em Dinâmicas Territoriais e Sociedade na Amazônia (PDTSA) da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (UNIFESSPA). Graduado em Licenciatura Plena em Filosofia pela Universidade Católica de Goiás. E-mail: messias.giz@gmail.com

*** Doutora em Linguística pela Universidade Estadual de Campinas. Professora no PDTSA da UNIFESSPA. E-mail: nilsa@unifesspa.edu.br

A análise do discurso, como seu próprio nome indica, não trata da língua, não trata da gramática, embora todas essas coisas lhe interessam. Ela trata do discurso. E a palavra discurso, etimologicamente, tem em si a ideia de curso, de percurso, de correr por, de movimento. O discurso é assim a palavra em movimento, prática de linguagem: como estudo do discurso observa-se o homem falando.

Desta forma, a AD não se preocupa apenas com a estrutura lógica da linguagem, observa o discurso diante do ser humano e a sua ação prática no cotidiano e tenta perceber o que está implícito na fala. O estudo linguístico presente na AD consiste em entender as condições da produção dos enunciados, o que passa a ser mais importante é o discurso no seu contexto real, material.

Como se pode ver tudo de certo modo necessita da linguagem, o ato de ler significa decifrar sinais de acordo com as regras que aprendemos. Na filosofia da linguagem, a partir da teoria de Wittgenstein o que interessa é o que está além dos sinais gráficos, são as proposições que se refere ao conteúdo, levando-nos a compreender e a entender uma frase, que não é um objeto do mundo e sim um objeto abstrato que existe independentemente da mente. A proposição, portanto, passa a ser a mesma em qualquer lugar, sendo assim uma entidade abstrata.

A partir do século XIX os problemas da linguagem têm novos enfoques e assim é necessário tomar decisões que tragam uma nova construção científica. O século XX a linguagem e a lógica passam a ter um destaque especial. A linguagem é dividida em um contexto social, a língua; e em um contexto individual, a fala, e com Saussure a linguística torna-se ciência que tem por finalidade compreender os signos. A filosofia e a AD constroem novos pressupostos para estudar esses novos dilemas, surgindo assim à lógica matemática para explicar as proposições abstratas e a abordagem discursiva para entender o que produz o discurso e situar a ideologia na formação discursiva. Agora resta uma decisão do uso dos pressupostos epistemológico em questão, segundo uma orientação de Oliveira Filho (1976, p. 267), a racionalidade deve guiar essa escolha:

As decisões que instauram as construções científicas não ocorrem apenas entre valores e por intermédios de valoração, para sermos redundantes, mas ao nível racional da ordenação do “cosmo” instaurado pela atividade científica, e igualmente, não se apresentam como imediatamente apreendidas, é óbvio, pela receptividade do sujeito: operam como progressiva *descentração* psicológica e social, com objetividade jamais alcançada, porém nem por isso menos pretendida, em sucessivas aproximações da racionalidade ativa que se pretende qualquer atividade científica. A objetividade é entendida, assim, como limite ao qual se tende e a que nunca se chega terminantemente.

É importante destacar que a pretensão é fazer um recorte metodológico, por entender ser inviável fazer um estudo científico da linguagem sem uma definição epistemológica, já que a linguagem pode ser abordada por uma variedade de ciências sociais. Ao fazer os estudos sobre a linguagem é preciso uma reflexão racional que aponte um direcionamento epistemológico apto a esclarecer o papel fundamental do discurso no decorrer da história por meio de um conjunto ideológico.

A LINGUAGEM EM PLATÃO E ARISTÓTLES

Ao fazer um retrospecto epistemológico da filosofia da linguagem, percebemos que a questão da linguagem vem sendo estudado desde o mundo grego antigo. O filósofo Platão em seu diálogo Crátilo apresenta um interesse sobre a relação nomes e seus significados. Em uma análise das obras de Platão em quase todos os seus diálogos, o seu personagem central e mestre Sócrates questiona sobre os significados de certos conceitos como conhecimento, beleza, justiça e virtude. A preocupação maior nesse contexto pós-socrático é com a origem da palavra. O que para Platão não tem tanta importância, pois para ele, a linguagem se reduz a apenas um instrumento de externalizar o pensamento, excluindo a “constitutiva da experiência humana do real” (OLIVEIRA, 2006, p. 22).

Na teoria das ideias, Platão tem como uma das funções resolver os problemas ligados à linguagem, já que seria complicado nomear os objetos sensíveis, por esses terem a característica de uma eterna mutabilidade. O pensamento platônico demonstra que a linguagem é dependente da ação humana, que em todas as dimensões estabelece um processo de entender a eficácia e a potência das palavras.

O diálogo Crátilo, aponta dois vieses do processo de nomear um objeto, o primeiro viés se chega à palavra e o nome do objeto por uma convenção, como uma etiqueta pregada em alguma coisa, onde o nome é dado por uma lei. O viés naturalista a palavra deve exprimir a essência do objeto, a eficácia e potência da coisa. A linguagem em Platão é a relação entre as palavras e as coisas, não interferindo em outras áreas do conhecimento como a ética e a estética.

A linguagem em Aristóteles, discípulo de Platão, é uma reflexão sobre a retórica, meio de exposição de argumentos e ligado diretamente com a vida pública, por ser a arte da comunicação: “Entendemos por retórica a capacidade de descobrir o que é adequado a cada caso com o fim de persuadir.” (ARISTÓTELES, 2005, p. 95). A retórica é o que torna um discurso persuasivo, sendo um recurso para compreender cada argumentação com a finalidade de persuadir.

A retórica é dada como prática no pensamento dos Sofistas, mestres na arte do bem falar, o seu estudo como uma construção discursiva acontece por meio da sistematização aristotélica. Na formulação do discurso a retórica é composta por quatro partes, (i) a invenção responsável por aglomerar todos os argumentos persuasivos, (ii) a organização do discurso, responsável por confirmar e narrar, (iii) trata do estilo do discurso, de escolher as frases e (iv) fase de pronunciar o discurso, meio pelo qual atinge o público. A linguagem é desta forma a habilidade de persuadir um indivíduo, a retórica é processo onde o discurso é adaptado ao seu fim, por meio de argumentos que tem a função de ajustar as ideias.

JOGOS DE LINGUAGEM EM WITTGENSTEIN

O filósofo Ludwig Wittgenstein (1889-1951), no *Tractatus Lógico-philosophicus*, tem como preocupação os limites do pensamento, do que pode ser pensado e do que não se pode ser pensado, não sendo possível uma investigação das ciências naturais e sim pela linguagem. Ao perceber as imperfeições lógicas da linguagem, propõe uma metodologia que consiste em decifrar os códigos e separar o que tem sentido. A investigação está em relacionar a linguagem com aquilo que o objeto representa, sendo que aquilo que não pode ser expresso claramente deve ficar em silêncio:

Existe com certeza o indizível. Isto se mostra, é o que é místico. O método correto em filosofia seria propriamente: nada dizer a não ser o que pode ser dito, isto é, proposições das ciências naturais — algo, portanto, que nada tem a haver com a filosofia; e sempre que alguém quisesse dizer algo a respeito da metafísica, demonstrar-lhe que não conferiu denotação a certos signos de suas proposições. Para outrem êsse método não seria satisfatório — êle não teria o sentimento de que lhe estaríamos ensinando filosofia — mas seria o único método estritamente correto (WITTGENSTEIN, 1968, p.129).

Assim o mundo pode ser analisado a partir de um pensamento lógico. A lógica tem a função de auxiliar a compreensão dos fatos que constitui o mundo e suas figurações. A figuração é um modelo da realidade por representar os objetos que estão no mundo. O fato e a figuração devem ser idênticos, para quando formarem uma proposição essa possa dizer algo com sentido e desta forma lógico. O pensamento a partir de um contexto a priori não possui figurações verdadeiras, já que existem apenas na mente e não tem nenhuma correspondência com a realidade, mesmo levando em consideração que o pensamento não possa ir contra a lógica.

Na teoria de Wittgenstein a filosofia não teria a finalidade de criar novas teorias filosóficas, afastando do idealismo alemão, mas sim de compreender, entender e justificar as proposições da linguagem. Assim, ao adotar a filosofia como método de explicar as proposições da linguagem, não a colocar no patamar de ciência, por reconhecer que as ciências necessitam das leis que possibilitam mostrar os fatos. A filosofia não tem como característica a objetivação dos fatos, não tendo suas proposições um rigor científico em definir o verdadeiro ou falso. A sua contribuição se dá por meio de uma metateoria que fundamenta o esquema-base de investigação:

A nível metacientífico, [...] expressões conceituais que não tem por referente direto a nenhum nível da atividade científica nem ao conjunto deles, são expressões que tem por função manter a coerência da reconstrução e pertence ao esquema-base (OLIVEIRA FILHO, 1979, p. 271).

O papel da filosofia é ser crítica a linguagem, dizer o que se pode dizer ou praticar o silêncio, quando não se pode dizer. O verdadeiro método da filosofia é o descritivo, dizer como funciona a linguagem, determinando o funcionamento da ciência. A importância da filosofia de fixar o limite da linguagem é ao mesmo tempo de reconhecer o limite do conhecimento possível, cabendo à mesma a tarefa descritiva do funcionamento lógico da linguagem, para que não caia em uma incompreensão lógica.

No seu livro *Investigações Filosóficas*, Wittgenstein, com a preocupação de tornar a linguagem mediadora da realidade passa a compará-la a um jogo. A metáfora se dá, pois, a linguagem é guiada por regras, até mesmo na construção do sentido da proposição é desenvolvido por meio desse jogo de linguagem:

Quantas espécies de frases existem? Afirmação, pergunta e comando, talvez? – Há inúmeras de tais espécies: inúmeras espécies diferentes emprego daquilo que chamamos de ‘signo’, ‘palavras’, ‘frases’. E essa pluralidade não é nada fixo, um dado para sempre; mas novos tipos de linguagem, novos jogos de linguagem. Como poderíamos dizer, nascem e outros

envelhecem e são esquecidos. (Uma imagem aproximada disto pode nos dar as modificações da matemática). O termo ‘*jogo* de linguagem’ deve aqui salientar que o fala da linguagem é uma parte de uma atividade ou de uma forma de vida (WITTGENSTEIN, 1999, p. 35).

A ideia de jogo apresenta-se como um processo criativo, já que há uma variedade de jogos. O conceito de jogos de linguagem evidencia a linguagem como uma atividade humana e que organiza o conhecimento. A prática do uso da linguagem aparece como se denomina os objetos, a palavra se liga ao fato real. No jogo da linguagem o uso que podemos fazer das palavras são inúmeros, portanto na comunicação a linguagem não pode ser determinada de forma radical, sempre tem que levar em consideração o contexto em que o sujeito falante está inserido.

A proposta de Wittgenstein é estabelecer o meio que ocorre a aprendizagem da língua, que não se dá por meio de uma relação entre palavras e objetos e sim por um jogo de linguagem, que mediatiza a relação entre palavras/objetos. O parágrafo 65 das Investigações Filosóficas é onde começa a concepção do filósofo sobre a linguagem. Ao se posicionar contra a ideia de que alguém compreende a linguagem quando aprende às palavras, Wittgenstein se posiciona contra o que o Tratado Lógico-filosófico, onde a linguagem ocorre por uma ligação imediatamente com os nomes.

Nas Investigações Filosóficas, Wittgenstein estabelece que os jogos de linguagem tenham a função de ligar a linguagem e a realidade, sendo assim uso prático. A concepção de jogos de linguagem é usada então para mostrar a imagem das relações que a linguagem faz com o mundo.

A VIRADA LINGÜÍSTICA COM SAUSSURE, UM GIRO EPISTEMOLÓGICO

A linguística torna-se ciência por meio da teoria do filósofo e linguista suíço Ferdinand de Saussure, compreendendo a linguística como a ciência dos signos. A definição do objeto é a parte mais complexa e um desafio, ainda mais a linguagem que tem uma dimensão individual e social, abrindo assim a porta para uma variedade de ciências:

Dessarte, qualquer que seja o lado por que se aborda a questão, em nenhuma parte se nos oferece integral o objeto da Lingüística. Sempre encontraremos o dilema: ou nos aplicamos a um lado apenas de cada problema e nos arriscamos a não perceber as dualidades assinaladas acima, ou, se estudarmos a linguagem sob vários aspectos ao mesmo tempo, o objeto da Lingüística nos aparecerá como um aglomerado confuso de coisas heteróclitas, sem liame entre si. Quando se procede assim, abre-se a porta a várias ciências – Psicologia, Antropologia, Gramática normativa, Filologia etc. –, que separamos claramente da Lingüística, mas que, por culpa de um método incorreto, poderíamos reivindicar a linguagem como um de seus objetos (SAUSSURE, 2006, p. 16).

A contribuição de Saussure é delimitar esse objeto e método e assim a Linguística passa a ter uma conotação de ciência. Inicialmente vamos discutir a recusa de Saussure de compreender a palavra apenas como uma nomenclatura. O signo é uma unidade autônoma de um sistema autônomo, o que leva sempre a interrogar a relação originária da linguagem e a realidade e não correr o risco de reduzir o signo a apenas um instrumento de descrição.

Ao abandonar os efeitos da causalidade da língua, os signos podem ser conceituados como relações de equivalência. A língua possui assim um ordenamento autônomo, desprezando o fundamento da causa natural, agora toda forma de exterioridade é interna ao sistema em que se manifesta, pressupondo a língua como uma condição de sua existência.

A língua não é linguagem, mas é responsável pela unidade da linguagem. Como um produto social não necessita do indivíduo para existir, mas por uma questão vital tem de haver fala para que a língua se estabeleça, portanto, é preciso que os indivíduos façam uso da mesma, assim Saussure (2006, p. 17) diz que a língua é uma convenção social:

Mas o que é a língua? Para nós, ela não se confunde com linguagem; é somente uma parte determinada, essencial dela, indubitavelmente. É, ao mesmo tempo, produto social da faculdade da linguagem e um conjunto de convenções necessárias adotadas pelo corpo social para permitir o exercício dessa faculdade nos indivíduos.

Observamos que a língua é formada por um grupo de falantes, não importa o tamanho desse grupo, dessa forma as mudanças que podem ocorrer na língua só são possíveis por meio de uma aceitação coletiva. Os signos em comum, que estabelece um conceito é o que possibilita a comunicação, pois é no coletivo que ela existe por completo: “Trata-se de um tesouro depositado pela prática da fala em todos os indivíduos pertencentes à mesma comunidade, um sistema gramatical que existe virtualmente em cada cérebro” (SAUSSURE, 2006, p. 21).

Ao discutir sobre o valor, deve olhar a palavra como membro de um sistema participando de uma relação com outras palavras. O seu valor é determinado por tudo que está em seu redor, o que pertence à palavra é o seu valor: “seu valor não estará então fixado, enquanto nos limitarmos a comprovar que pode ser trocada por este ou aquele conceito, isto é, que tem esta ou aquela significação” (SAUSSURE, 2006, p.134). O valor faz os seguintes movimentos, o primeiro que se constitui de uma forma geral, o significado com valor do significante; o segundo, que se formar a partir da reflexão, o significante possui o valor de significado e o terceiro, não concebe uma separação entre significado e significante, sendo simultaneamente um valor.

O corte saussuriano aponta o signo como um elo entre um “conceito a uma imagem acústica” (SAUSSURE, 2006, p.80), onde o mesmo não tem uma ligação natural com a realidade, o significado é criado pelo uso coletivo da linguagem. O processo para reconhecer algum conceito se consolida pela língua, o pensamento só passa a ser externo e compreendido por meio de um som que forma através de uma língua. O corte tem a função de agir a partir de dados que agiria na formação dos signos.

A ANÁLISE DE DISCURSO: UMA COMPREENSÃO SOCIAL E IDEOLÓGICA

A AD tem a sua origem na França na década de 1960, tendo como precursor o pensador Michel Pêcheux. O seu campo epistemológico sofre influência da psicanálise, do Marxismo histórico e da linguística. A década de 1960 marcada por uma efervescência política e cultural passa a ser o ponto de análise da AD, que pretendia entender os discursos produzidos por essa conjuntura social.

Ao compreender a linguagem como uma atividade humana e sendo os seres humanos os únicos capazes de ter uma expressão verbal, observamos que ela ocorre de forma automática no cotidiano. O discurso é a comunicação entre interlocutores, produzindo sentido nas interações sociais, onde aparecem as ideologias, as crenças, os valores culturais e sociais, não havendo discurso neutro, por estar carregado de sentido. O sentido não precisa ser explícito. No discurso nem sempre se fala tudo que se pensa. As entrelinhas estão carregadas de significados que não fica nítido porque o momento não permite. A AD tem o objetivo de buscar o que está implícito.

O discurso vai para além da pura gramática, para a sua compreensão é importante entender à situação pelo qual é produzido. O processo de produção discursiva necessita de um conhecimento não exclusivamente linguístico e sim de uma relação entre linguagem, sujeito e história favorecendo a troca verbal. O que leva a afirmar que todo o enunciado só tem sentido no contexto em que é produzido. O ator que produz o discurso é o sujeito, aquele que fala e constrói uma postura de dúvida, de certeza, de firmeza e de opinião em relação a aquele com quem fala, por exemplo o padre que tem firmeza diante dos fiéis que o escuta.

A AD estuda o discurso e os seus enunciados concretos e não construções abstratas, idealizadas. O que supõe buscar um dialogismo, pois o discurso sempre está direcionado a alguém, “*o dialogismo é uma forma composicional.*” (FIORIN, 2006, p. 32). O seu sentido dialógico, o discurso dialoga com outros discursos, mesmo que de forma implícita, mostrando a sua característica polifônica, tendo a presença de várias vozes. O que percebemos que não existe um discurso único, existe é uma interação discursiva. A verdade é conquistada por uma constante luta polêmica, que tem por ferramenta a palavra. O discurso, portanto, assume uma posição ideológica, cultural e social com a intenção de se impor a um determinado grupo social.

Assim, a AD, faz a sua construção metodológica, uma escolha para investigar não somente o aspecto gramatical e sim dar uma ênfase aos aspectos ideológicos, sociais que se mostra a partir de uma conjuntura sócio ideológico. A AD, portanto, vai reinventar um pressuposto epistemológico capaz de construir um campo metodológico que possibilite entender a formação ideológica presente em um contexto social, observa Gregolin (2004, p. 11):

Para a análise do discurso essa empreitada significa interrogar o solo epistemológico e político no qual os conceitos se delinearam, se digladiaram e constituíram um corpo teórico-metodológico que sustentam, hoje, as formulações dos nossos trabalhos.

A construção da metodologia da AD consiste em privilegiar as condições de produção do discurso. A investigação vai destacar como a linguagem possibilita a interação social dos indivíduos. A influência do marxismo se dá por meio da formação ideológica, onde a ideologia tem a função de manipular a relação social que é conflituosa. Althusser tem como proposta um corte epistemológico na teoria de Marx: “[...] no ato de ler Marx que se inscreve o primeiro deslocamento dos althusserianos. Eles promovem um retorno ao Marx, privilegiando a esfera do discurso” (GREGOLIN, 2004, p.39). Ao caracterizar um sujeito que produz o discurso, a AD, invade a psicanálise, a partir dos conceitos de consciência e inconsciência, levando em consideração que o discurso inconscientemente leva consigo o discurso do outro, tornando o discurso ideológico e não consciente. Através de Saussure que apresenta a estrutura da língua, por entender que a análise da linguagem não

pode ser feita apenas por uma relação como o mundo, há uma estrutura com a função de fazer compreender a significação.

A AD tem a preocupação de entender o sentido do discurso, do que está sendo passado para os interlocutores. É por este motivo que a pesquisa não pode distanciar da compreensão do sentido e da formação ideológica do discurso. A proposta metodológica é construir um conjunto teórico capaz de analisar os resultados do uso da linguagem na prática e não apenas na sua dimensão estrutural e lógica.

UMA CONCEPÇÃO DIALÓGICA DA LINGUAGEM EM BAKHTIN

O pensador russo Mikhail Bakhtin constrói sua teoria a partir de uma influência clara do marxismo. A linguagem é construída por meio de ideologias, “tudo é ideológico possui um significado e remete a algo situado fora de si mesmo” (BAKHTIN, 1992, p. 31). Desta maneira, a linguagem não fica presa apenas na língua, a sua principal característica é a heterogeneidade, que consiste em perceber o discurso do outro no discurso produzido. A ideia é entender como a palavra está carregada de uma história, marcando um determinado discurso.

A sua relevância de ter um método alicerçado no movimento dialético para entender o signo ideológico, representando uma ligação dinâmica da linguagem com a realidade concreta dos indivíduos. O signo é a materialização ideológica que dá sentido e constitui o processo de comunicação entre os indivíduos. A palavra em si não tem sentido, mas enquanto um signo ideológico é capaz de materializar uma interação social.

As características da palavra enquanto signo ideológico [...] fazem dela um dos mais adequados materiais para orientar o problema no plano dos princípios. [...] a palavra penetra literalmente em todas as relações entre indivíduos, nas relações de colaboração, nas de base ideológica, nos encontros fortuitos da vida cotidiana, nas relações de caráter político etc. As palavras são tecidas a partir de uma multidão de fios ideológicos e servem de trama a todas as relações sociais em todos os domínios. É portanto claro que a palavra será sempre o indicador mais sensível de todas as transformações sociais, [...] (BAKHTIN, 1992, p. 41).

Nesse contexto Bakhtin, aponta que os enunciados estão carregados de um sentido ideológico. O signo vai tanto refletir ou refratar uma realidade, tendo como ponto de partida um interesse social que se confrontam. Bakhtin entendeu “[...] que o método sociológico marxista dê conta de todas as profundidades e de todas as sutilezas das estruturas ideológicas imanentes consiste em partir da filosofia da linguagem concebida como filosofia do signo ideológico [...]” (BAKHTIN, 1995, p. 38). Mostrando que na teoria de Bakhtin, tem uma importância metodológica de buscar entender os signos ideológicos como parâmetros epistemológicos para situar as relações homem-mundo, sujeito-objeto do conhecimento e por fim a ação humana.

O dialogismo que caracteriza a presença de um discurso no outro, já que não a possibilidade de um discurso adâmico, é uma estrutura marcante do pensamento de Bakhtin. A concepção dialógica se constitui por uma relação vida e cultura, do real, da formação da consciência do indivíduo e da materialização ideológica que leva o sujeito a uma condição de interação constante.

O pensamento bakhtiniano apresenta a ideologia materializada por meio do signo, onde há um movimento entre a ideologia oficial e a do cotidiano. A constituição dessa dialética é o que caracteriza a sua opção epistemológica, evidenciando as contradições produzidas e materializadas no processo de formação do discurso. A produção de sentido de um discurso, portanto, é estabelecida pela ação aberta do homem em uma realidade social, onde pela linguagem, o signo tem uma existência ideológica.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao elencar os pressupostos epistemológicos do estudo da linguagem para a formação de uma ciência que tem como pano de fundo o discurso é ver a metodologia que vai além da gramática. É analisar o discurso produzido pelo homem em toda a sua história no que foi dito ou até mesmo silenciado, chegando às relações de interações, como o poder e a dominação. A partir do estudo da linguagem desenvolver uma construção teórica que possibilite orientar os conceitos que facilite uma investigação de cunho científico:

A metodologia teórica tem, conseqüentemente, por objetivo efetuar reconstruções metodológicas e analisar descritiva e criticamente as reconstruções metodológicas existentes, clássicas e contemporâneas. Nos momentos de crise exercerá importante função reorientadora ao analisar hipóteses, conceitos, teorias, meios e fins da ciência social em questão, facilitando a elaboração de novos programas de investigação (OLIVEIRA FILHO, 1976, p. 270).

Fazemos uma leitura epistemológica com a finalidade de elaborar um raciocínio lógico que possibilite ter a linguagem como uma aliada para entender a realidade que interfere no contexto social e ideológico dos sujeitos inseridos em tal contexto. A ideia é ter um instrumento capaz de perceber o não dito de um discurso que no fim acaba sendo essencial para a compreensão da ação de um determinado grupo social, o estudo da linguagem nesse caso oferece o conjunto epistemológico que função de orientar a análise de todas as relações sociais que os indivíduos estão inseridos.

REFLECTIONS EPISTEMOLÓGICAS: A VIEW METODOLÓGICO OF THE PHILOSOPHY OF THE LANGUAGE AND ANALYSIS OF THE SPEECH

Abstract: the present article looks to do an epistemological reflection from the Philosophy of the Language, from his logical structure, the Analysis of the Speech, through his understanding of the senses and present ideological formation in a speech. The objective is to show a methodological approach what is able to understand the language in his practical use.

Keywords: Philosophy of Language. Discourse analysis. Ideology.

Referências

- ARISTÓTELES. *Retórica*. 2, ed. Lisboa: Imprensa Nacional; Casa da Moeda, 2005.
BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e Filosofia da linguagem*. São Paulo: Huicitec, 1992.

- FIORIN, José Luiz. *Introdução ao pensamento de Bakhtin*. São Paulo: Ática, 2006.
- GREGOLIN, Maria do Rosário. *Foucault e Pêcheux na construção da análise do discurso: diálogos e duelos*. São Carlos: ClaraLuz, 2004.
- OLIVEIRA FILHO, José Jeremias. Reconstruções Metodológicas de Processos de Investigação Social. *Revista de História*, USP São Paulo, v. LIV, ano XXVII, n. 107, p. 263-276, 1976.
- OLIVEIRA, Manfredo Araújo. *Reviravolta Lingüístico-Pragmático na Filosofia Contemporânea*. 3. ed. São Paulo: Loyola, 2006.
- ORLANDI, Eni Puccinelli. *Análise do discurso: princípios e procedimentos*. 3. ed. Campinas: Pontes, 2001.
- SAUSSURE, Ferdinand. *Curso de Linguística geral*. 27. ed. São Paulo: Cultrix. 2006
- WITTGENSTEIN, Ludwig. *Investigações Filosóficas*. São Paulo: Nova Cultural, 1999.
- _____. *Tratado lógico-filosófico: investigações filosóficas*. 2. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1968.